

3 A comunidade pobre e seus adolescentes

A comunidade escolhida para o desenvolvimento desta dissertação constitui-se num pequeno amontoado de casas populares, de construção independente¹. Surgiu de uma invasão ocorrida no ano de 1928, por trabalhadores de áreas próximas, logo seguidos por outras famílias ou parentes de outros Estados do Brasil.

Encontra-se incrustada em uma das inúmeras encostas do morro de Santa Teresa, no centro do Rio de Janeiro. Possui uma geografia incomum às favelas; é uma comunidade onde, devido ao desenvolvimento das ruas do bairro, os moradores “descem” para chegar em casa e “sobem” para chegar ao “asfalto”. Esta característica conferiu-lhe até o ano de 1966 o nome de “buraco da onça”. Nome que os moradores mais antigos ainda utilizam.²

A invasão inicial contou com 25 famílias dispostas a residir em uma área completamente arborizada, no meio do maciço da chamada reserva florestal Parque São Sebastião. Onde não havia luz, nem água encanada, nem lá chegavam os bondes da época, sendo utilizados atalhos abertos na mata para chegar-se aos locais de trabalho. Os primeiros moradores precisavam estar dispostos a desmatar e construir suas próprias casas, porém o mínimo necessário, a fim de que não fossem vistos pela sociedade circundante.

A área ocupada contava na época com 4 boas nascentes naturais, (hoje só há duas), que os moradores chamam de “minas”, o que lhes conferia boa água para beber, cozinhar e lavar roupas. Além de, segundo relatos, servirem como ponto de encontro e trocas de notícias, para quem não possuía emprego formal. Como a maioria das mulheres da época.

Nesta comunidade especificamente, entre 1992, ano de início dos trabalhos, até aproximadamente 2003, todos os moradores se

¹ Não se trata de um conjunto habitacional construído pelo poder público (Estado ou prefeitura)

² Dados do histórico comunitário escrito por moradores do local.

conheciam pelo nome, e todas as famílias, com raras exceções estavam de algum modo ligadas entre si, por parentescos constituídos ao longo de décadas de vizinhança. Assim, quem não era consangüíneo, transformava-se em genro ou nora, compadres e comadres em vários graus.

Além disso, os idosos transformavam-se rapidamente em “vovós” e “vovôs” dos mais novos e “tios” e “tias” dos jovens adultos da comunidade.

Raramente os moradores visitam ou são visitados por parentes ou amigos de fora da comunidade, o que segundo algumas famílias informaram, se dá não por falta de afeto entre os membros, mas por nunca terem certeza se serão bem vindos, devido à falta de recursos dos parentes para recebê-los, uma vez que todas as famílias prezam poder oferecer algum alimento aos visitantes, e a falta destes, pode acarretar mal estares de ambas as partes.

Assim, a maioria das famílias passa muito tempo sem se ver, a não ser em ocasiões especiais, como batizados ou morte de algum membro da família. Casamentos com cerimônia são bastante raros, em vinte anos de convivência, assisti a apenas três. Mesmo entre os membros de famílias participantes de religiões com rígidos dogmas, as cerimônias de casamento são bastante raras, priorizando-se a lei dos homens com a assinatura de papéis em cartórios.

As famílias da comunidade constituem-se, geralmente, por avós, mães, filhos e netos. Das adolescentes visitadas, somente quatro contavam com a presença paterna, porém duas delas afirmaram que, mesmo morando sob o mesmo teto, os pais não se falavam, relatando ser ruim a relação familiar. As demais entrevistadas contavam com a presença de mães e avós.

Nas famílias das(os) adolescentes estudados, a maior parte tem uma estrutura e uma dinâmica próprias: os pais são geralmente separados, residem na mesma casa a mãe os filhos(as) e os netos (filhos das adolescentes grávidas). As filhas mulheres têm como obrigação auxiliar a mãe, estando esta trabalhando fora ou não, nos cuidados com

as tarefas da casa e com os irmãos menores, e até com os maiores quando se trata de filhos homens.

Assim as meninas, desde muito cedo, costumam assumir a responsabilidade de cuidar da casa e dos irmãos durante o dia. Cozinham, lavam, limpam e conduzem os irmãos à escola, responsabilizando-se também por sua segurança e proteção enquanto sua mãe está fora. Este estado de coisas parece causar-lhes um amadurecimento precoce.

Quanto aos meninos, sua criação inclui mais liberdades e menos responsabilidades na rotina diária da casa. O que nos remete à citação de Hebe Signorini (2003, p.203), que avaliando a condição de educadoras das mulheres na dinâmica familiar, comenta que o homem quando colabora com as tarefas domésticas, o faz na condição de auxiliar extemporâneo.

Aos meninos, quando são designadas tarefas, estas são mais simples, como levar o lixo ou limpar o quintal. Em contrapartida, quando as famílias possuem renda insuficiente para o sustento de todos, são eles que saem para buscar a complementação, raramente esta tarefa é designada às meninas. Quando muito pequenos apenas pedem nas ruas, quando mais crescidos, podem trabalhar como engraxates, fazendo fretes em supermercados e feiras ou fazendo malabarismos nos sinais de trânsito.

A maioria dos adultos da comunidade tem como principal fonte de renda empregos como lavadeiras, passadeiras, porteiros, jardineiros e demais serviços domésticos, para os quais não há exigência de escolaridade, ou os níveis exigidos são primários.

As crianças, adolescentes e jovens, do local parecem estar convencidos ou conformados com o fato de que o destino lhes reserva o mesmo futuro, onde o subemprego será sua única fonte de renda, uma vez que prezam pouco a questão dos estudos e da formação formal. Apesar de todas as crianças serem matriculadas em escolas públicas logo nos primeiros anos, poucos se preocupam com a complementação dos seguimentos educacionais.

De cada dez adolescentes, apenas um ou dois conseguem realizar sua formatura no ensino secundário e durante os vinte anos de trabalho realizados nesta comunidade, apenas uma jovem chegou a ingressar numa faculdade que ainda está cursando.

No ambiente comunitário, encontramos divisões que se assemelham às de classes sociais comumente conhecidas na sociedade. Existem famílias que possuem maior renda percapita, geralmente são famílias que receberam algum prêmio em dinheiro (loterias) que lhes permitiu comprar uma grande casa na Zona Sul, que embora seja numa favela, tem linda vista e os destaca do restante da população local. Geralmente constróem vilas de casas ou apartamentos para alugar e vivem da renda destes aluguéis. Possuem carros, matriculam os filhos em escolas particulares e se vestem melhor que os demais moradores, são os ricos do “morro”. Nesta comunidade existe uma média de dez famílias desta “classe”.

Existem também os donos do comércio local, que possuem veículo e casa próprios e situação financeira diferenciada do restante da população da comunidade. Semelhantes a estas existem as famílias de trabalhadores formais de comércio, indústrias e funcionários públicos. São a “classe média” do morro, que também são representados por um pequeno número de moradores.

Logo abaixo, na “escala social” comunitária, vêm as famílias dos trabalhadores domésticos, empregadas, porteiros, jardineiros e motoristas e os autônomos, diaristas, pedreiros, babás, guardadores de automóveis, moto-táxi e etc. são a “classe pobre” do morro e representam uma maioria expressiva dentre a população local.

Por fim temos a “classe” dos “abaixo da linha da pobreza”, que são, geralmente, famílias muito extensas, vindas de outros Estados, vivem de “biscates”³ e possuem renda percapita de menos que meio salário mínimo. Com pouco ou nenhum grau de instrução, moradores de aluguel ou proprietários de pequeníssimas casas (relativizando com o tamanho da família) ou em “quartinhos” minúsculos, que às vezes nem

³ Qualquer trabalho que auxilie na renda familiar.

permitem que se ande de pé em toda a sua extensão, por serem construídos em porões tomados por rochas da encosta.

Dentre todas estas “classes sociais”, geralmente, o grau de escolaridade não é muito variado, destacando-se os filhos das famílias mais “abastadas” estudantes de colégios particulares. Porém, mesmo dentre estes, neste período de 20 anos, temos informações de apenas quatro jovens que chegaram a cursar faculdades e formar-se antes de mudarem-se do local.

Independente do grau de instrução e do poder aquisitivo das famílias, nenhum jovem, particularmente os rapazes, está livre de, eventualmente, ver-se envolvido com o tráfico de drogas local, como consumidor ou como traficante. Esta situação, infelizmente é muito recorrente, devido aos laços de amizade e/ou de convivência entre os moradores do local. Aqui também a dinâmica comunitária influencia fortemente, e o envolvimento com o tráfico, parece funcionar como o “rito de passagem” masculino. O que é corroborado por Sonia Kramer (2002, p.57), que em seu trabalho *“Autoria e autorização”* cita Ferreira (1998), que em estudos realizados junto a crianças moradoras de favela, menciona o grande número de famílias que têm ou tiveram alguém envolvido com o tráfico, e completa: *“Para muitos jovens da favela, o tráfico parece ser o único caminho possível para a sua (breve) vida futura”*(Ferreira, 1998, p.138, In)

Iniciar neste espaço comunitário algo que vou precisar determinar de “pesquisa de campo”, constituiu-se em tarefa significativamente transformadora, uma vez que estava intrinsecamente envolvida com os jovens do local. Após 20 anos de trabalho social realizado em conjunto com a comunidade, foi inevitável o envolvimento total, considerando-se ser a comunidade um território relativamente pequeno quando comparada a outros complexos comunitários existentes na cidade do Rio de Janeiro.

A presença prolongada no campo me proporcionou uma aproximação direta com as situações vivenciadas pelos adolescentes estudados, em contrapartida obrigou-me a desenvolver técnicas de observação a partir dos conhecimentos teóricos adquiridos na academia,

bem como a firmar-me em diretrizes como a de Costa (1992), que diz que “a flexibilidade das técnicas do trabalho de campo e o caráter prolongado da respectiva aplicação, exigem normalmente um conhecimento teórico profundo e uma sólida preparação metodológica” (Costa, 1992, p.26).

Assim, tal como Da Mata (1974, p.30), procurei identificar meu “*Anthropological Blues*”, que segundo o autor, é composto por elementos que, inesperadamente, se insinuam na prática etnológica e vão se repetindo até que ganhem força. Como ocorreu com os recorrentes casos de gravidez entre as adolescentes e, entre os rapazes, a “permutação cíclica”⁴ do envolvimento com o tráfico, durante meu período de convivência e trabalho social com estes jovens.

A transformação do familiar em exótico obrigou-me a cometer o que Da Mata denomina de “auto-exorcismo”, ou seja, descobrir em mim mesma a adolescente pobre, responsável pela casa e os irmãos, estudante de escola pública. Tendo como únicas diferenças, o ambiente em que fui criada e a perspectiva de futuro, sempre sinalizada pela família na qual encontrei exemplos onde espelhar-me. Para descobrir afinal, que talvez tenham sido estas, diferenças fundamentais.

No livro “Serviço Social Crítico”⁵ ao se analisar a prática do profissional de Serviço Social, coloca-se que este tem como função prestar serviços sociais e ou administrá-los e a partir dessa concepção desenvolver ações ideológicas, políticas e educativas. E foi com esse espírito que me lancei ao campo, agora consciente de que precisava complementar o serviço prestado a essa comunidade, dedicando-me a aprofundar meu estudo, na tentativa de compreender sua dinâmica social, para quem sabe no futuro, contribuir com a educação e formação daqueles que, esperamos, serão a comunidade do futuro: Os adolescentes.

⁴ Conjunto ordenado onde cada elemento é substituído pelo seu sucessor e o último pelo primeiro.

⁵ Este livro foi preparado e organizado pela área de comunicação da CELATS, fruto do debate surgido no seminário “O Serviço Social na América Latina: balanços e perspectivas”, em 1982. Traduzido por José Paulo Neto.

3.1 Aspectos Metodológicos do estudo

Este estudo utilizou a etnografia como opção teórico-metodológica. Esta perspectiva metodológica foi adotada a fim de possibilitar a “documentação do não-documentado” na comunidade, ou seja, investigar não apenas o que é dito e está escrito sobre a sexualidade do jovem na comunidade, mas como esta prática se constrói no cotidiano deles. Além disso, ela propiciou observar a dinâmica das relações e interações que constituem o seu dia-a-dia e descrever os sistemas de significados culturais dos sujeitos investigados referentes à sexualidade.

Busquei dialogar com educadores, Antropólogos, Sociólogos e Assistentes Sociais. Discorrendo sobre a relação entre estes campos das ciências sociais e o espaço de debate apresentado nessa interface para a discussão da sexualidade, visando não só o debate, mas também a reflexão e intervenção, considerando desde o contexto cultural, da aprendizagem dos jovens, os efeitos sobre a diferença cultural, racial, étnica e de gênero, até os sucessos e insucessos do sistema escolar em face da ordem social em constante mudança. Em outras palavras, através de uma atitude de estranhamento, visei o questionamento de categorias abstratas e o conhecimento mais complexo da realidade dos jovens estudados.

Desta forma, pretendi também abordar ou contornar o problema da minha familiaridade com o campo. Precisei, devido aos meus muitos anos de contato com os jovens pesquisados e sua realidade, transformar o familiar em estranho, através de um permanente questionamento desta realidade, o que Lopes (1997, p.81-95) chama de “ilusão da familiaridade”.

A Ilusão da familiaridade pode ser vencida pela substituição de quadros explicativos simples, por outros mais complexos. Em outras

palavras, procurei fugir ou ignorar a fala corrente ou lugar comum dos “julgamentos” sociais que colocam os comportamentos juvenis todos em uma só forma, ignorando o contexto e as condições econômicas do ambiente onde ocorrem.

Considerando que os estudos técnicos sobre o comportamento do adolescente morador de favelas são raros, e a maioria dos estudos realizados refere-se apenas aos jovens da classe A e B e o máximo que chegam é à classe C das camadas sociais conhecidas. Assim, diferente de outros estudos, não corri o risco de estar apenas procurando confirmar resultados já surgidos, considerei ser necessário acatar a sabedoria de Marli André (1997, p.17), que enfatiza que “*o trabalho de campo não é mera coleta de dados, não se trata de reproduzir o real, mas de reconstruí-lo*”. Procurei então buscar a interpretação dos sistemas de representação, dos pontos de vista e das ações dos participantes, não dependendo apenas do apoio teórico, mas também da minha experiência com o campo.

Ainda seguindo orientação de Marli André, considerei importante alertar-me contra o divórcio entre o referencial teórico, o campo e o processo de coleta e análise de dados. Pois a autora considera ser este um problema presente em muitas pesquisas que fazem descrições minuciosas, mas não avançam na sistematização teórica. Assim ficaria o trabalho de campo, como mais uma forma de confirmar resultados de outros estudos, do que uma tentativa de novas descobertas.

Com a firme determinação de transmitir novas informações e assim prestar relevante serviço na compreensão do tema em estudo junto aos jovens das classes **D** e **E** da sociedade, decidi desconsiderar indicações de passar a outrem tarefas como: realizar as entrevistas e transcrever as fitas gravadas, pois, indubitavelmente, essas duas tarefas devem caber ao pesquisador, que perceberá que além da sua escuta, será indispensável que utilize sua percepção e visão crítica para captar tons de voz, posturas comportamentais e outras nuances e reações dos

entrevistados que podem nos dizer muito mais que suas simples palavras.

Como aconteceu numa das entrevistas, ao visitar uma das adolescentes (G. 15 anos) que vive com seu companheiro. A casa constituía-se em um quarto e cozinha (sem banheiro), mobiliado com uma cama de casal, um guarda-roupas sem portas, uma pequena TV e um ventilador sem as grades de proteção. A despeito da pobreza do mobiliário, que sabemos não constituir sinal de (in)felicidade ou (des)harmonia, o fator que me fez discordar da sua afirmação de que viviam em harmonia em seu novo lar, além da falta de limpeza do ambiente nada propício para um bebê de dias, foi tê-la encontrado vestida apenas da cintura para baixo e com o rosto inchado e com hematomas, que me disse serem resultado de uma acne que lhe nascera no nariz (que eu não vi), o que me levou a deduzir que a relação do casal poderia estar sendo permeada violência, a despeito de estar a menina ainda em período de resguardo.

Esta dedução foi, quase imediatamente, ratificada pela atitude truculenta de seu companheiro, ao ver-me entrevista-la, e a atitude da adolescente apertando seu bebê, que amamentava, ao primeiro grito do marido. O comportamento do casal e a aparência do local me denunciavam que aquela “instalação” havia sido providenciada rapidamente pelos pais da moça (a mãe estava presente à entrevista), com móveis “conseguidos” entre a família e que o casal não apresentava o carinho necessário pelo “lar”, (devido à desordem), como é esperado entre jovens casados de pouco e com um filhinho de dias. Impressão que procurei confirmar com a mãe da jovem perguntando-lhe se o casal havia optado pelo casamento para cuidarem juntos do filho, ao que ela me respondeu:

“Nós ajeitamos aqui pra eles... eles precisa saber o que é criar um filho! cuidar de uma casa... (e olhando para a filha como quem se desculpa, disse) É minha filha... dá trabalho! mas tem que ser assim... você que

procurou...” e quanto à atitude do rapaz acrescentou: “A senhora não repara não... ele é meio nervoso assim mermo!”⁶

Em consequência disso, a transcrição das fitas gravadas serve como uma ratificação do que se percebeu nas entrevistas, já que nos transporta novamente àquele momento, fazendo-nos recordar um sorriso ou um olhar, um sacudir de ombros ou um encolher-se junto ao filho, que naquele momento nos chamou a atenção.

Deste modo, convenci-me de que o próprio pesquisador, e não mais algum informante, deve realizar as observações, que são a própria fonte de pesquisa e não ilustração de alguma tese. Cabe ao pesquisador conhecer as significações e coerências próprias dos costumes de uma cultura que, mesmo sendo diferenciada, deve ser olhada não a partir de sua própria lógica, mas sim a partir da lógica do outro.

Não levei ao campo hipóteses a serem confirmadas, mas perguntas de inspiração teórica, que tinham caráter flexível e puderam ser reformuladas durante o trabalho de campo, que também me colocou novas perguntas. Assim as categorias de análise, os sistemas de classificação, as representações sociais e etc. devem emergir a partir do trabalho de campo (Malinowski, 1978, p.38)

Mesmo estando inserida há muitos anos em meu campo de pesquisa, obriguei-me a uma “domesticação teórica do olhar”, para utilizar um termo de Oliveira (1998). Segundo este autor, a teoria social sofisticada nossa capacidade de observação, pré-estrutura o nosso olhar e o nosso ouvir.

“A partir do momento em que nos sentimos preparados para a investigação empírica, o objeto sobre o qual dirigimos o nosso olhar, já foi previamente alterado pelo próprio modo de visualizá-lo” (Oliveira, 1998, p.19).

⁶ Intervenção da Sra. M. mãe de G. 15 anos, intermediando um momento de tensão entre o genro e evento da entrevista, em 03/07.

O grupo de adolescentes selecionados para este estudo é participante do Projeto Galera Ativa⁷, implantado pela ONG em 2000, desenvolvido com o objetivo de contribuir para o processo de desenvolvimento social dos adolescentes, privilegiando para o alcance deste fim, o protagonismo juvenil. Onde os componentes, recebem orientação sexual e organizam palestras sobre prevenção.

Este grupo, morador de uma comunidade da Zona Sul do Rio de Janeiro, constitui-se de 16 meninas e 8 meninos, na faixa etária entre 13 e 21 anos, e fazem contraponto a outro grupo, estruturado no ano de 2004, composto por 28 adolescentes, na mesma faixa etária, que passaram a integrar o mesmo projeto. O diferencial é que estes são adolescentes nascidos e criados em um bairro da baixada fluminense⁸.

Sendo ambos os grupos oriundos de famílias pobres, importa ressaltar dois fatores: no grupo morador da comunidade carente, o grau de escolaridade, comparando pela faixa etária, é significativamente menor que o grupo do subúrbio e a despeito da similaridade das informações recebidas, no grupo da zona sul, 14 meninas e 6 meninos tornaram-se pais e no grupo da zona norte, não houve incidência de gravidez.

Pretendíamos entrevistar, dos 24 adolescentes moradores da comunidade, um subgrupo de 14 (meninas) e seus companheiros/pais de seus filhos. Encontrar e entrevistar as meninas mães, (conseguimos 12 contatos), revelou-se uma tarefa relativamente fácil. Entretanto os jovens pais, que conseguimos contatar (conseguimos 6 contatos), mostraram-se arredios e relutantes em falar de sua vida sexual, o que avaliei que poderia ser por estarem falando a uma mulher conhecida deles e de suas famílias.

As maiores dificuldades com relação aos rapazes pais foi o alto índice de mortalidade e mobilidade; os rapazes mudam-se mais freqüentemente da comunidade, por conta de conflitos, fugas, expulsões ou outros interesses. Dos 14 rapazes selecionados para este estudo, 3 faleceram (mortos pela polícia ou por conflitos marginais), 3 mudaram-se, 2 foram expulsos da comunidade e 6 moram com as companheiras.

⁷ Vide anexo I

⁸ São João de Meriti

Destes 6 que ainda se encontram na comunidade, 4 concederam entrevista e 2 não concederam.

O processo de entrevistas foi permeado por fatores inesperados, como a morte de alguns rapazes, a internação de algumas meninas e/ou bebês, em consequência de parto prematuro; além da intervenção, muito freqüente, dos conflitos policiais e/ou marginais que me impedia de circular no ambiente comunitário, as vezes, durante dias.

Assim, chamo a atenção para o caráter interpretativo do presente estudo, a fim de que não seja encarado como uma construção estruturada sobre as construções de outras pessoas, pois o ponto de partida e os limites de análise foram considerados ao escolher entre as estruturas de significação e a determinação da base social de importância desta pesquisa cuja metodologia, como cita Demo(1995, p.11), visa problematizar criticamente, indagando os limites da ciência quanto ao conhecimento da realidade e a sua capacidade de intervir na mesma.

3.2

Adolescendo numa comunidade pobre: caracterização do perfil do grupo pesquisado

Além do processo de mudanças e transformações, a adolescência caracteriza-se por inúmeros outros fatores detectados claramente durante as entrevistas realizadas como: Tendência grupal, onde o grupo lhes confere a sensação de pertencimento, dá-lhes segurança, o ajuda a configurar-se. Nele todos se identificam uns com os outros, parte da dependência familiar transfere-se para o grupo e ajuda a vivenciar, na prática, “o exercício do bem e do mal” onde as culpas podem ser divididas, nenhuma ação é ruim demais para cada um, embora às vezes realmente o seja, como explicita o jovem C. (16 anos): *“Pô... a gente tava lá, maior “mulão”... todo mundo tava mandando** eu mandei também... achei que não era nada demais”⁹*. Ou pela afirmação de F. (17anos): *“(...) Eu não pensei nada... e depois todas as minhas amigas já tiveram filho, só eu que não...(risos) eu pensei até que tinha alguma doença de não ter neném!!”¹⁰*

A maioria dos jovens pesquisados passa por situações mais delicadas e radicais em termos de confrontação social. Muitos integram grupos com características delinquentes, ou se reúnem para o consumo de drogas, nos quais os impulsos eróticos e agressivos, muito incentivados pela música funk que costumam ouvir e dançar, que tem um forte apelo sexual, confundem-se numa mistura de prazer e frustração, expressando o vazio e a falta de perspectivas em seu mundo interior.

A autoridade dos pais num ambiente permeado pela violência, como é o ambiente comunitário, constitui-se por si só um capítulo à parte na fase da adolescência. O jovem está num período em que a realização de tentativas e a vivência de novas experiências o auxiliam na busca da sua verdadeira identidade, com suas características e valores próprios.

⁹ Adolescente de 16 anos que foi levado à DPCA (Delegacia da Criança e Adolescente), por estar fumando maconha na praia.

¹⁰ Depoimento de F. 17 anos, mãe adolescente, ao ser perguntada se pensou nas DSTs ou em gravidez ao relacionar-se sem preservativo. (01/2007)

Em sua evolução psicossocial o adolescente compensa suas deficiências apegando-se veementemente às suas idéias. Segundo Levisky (1995, p.39), apega-se até com certo grau de fanatismo, sem se dar conta que suas crenças podem ser mais por auto-afirmação que por posicionamento autêntico.

A atitude social reivindicatória também se faz presente quando o jovem mostra-se contrário às opiniões da maioria, principalmente no âmbito familiar. Ao atingir a adolescência, o jovem da comunidade muitas vezes começa a desejar e exigir, direitos incompatíveis com a realidade que vive. No momento de negação de alguma de suas vontades, por mais certos que os pais estejam, mesmo que ele admita esta “razão” (e ele raramente o faz), o fará em prantos e aos gritos e batendo quantas portas encontrar.

Como nos relata a mãe de L. (17 anos): *“Ele chegou assim e veio com aquela conversa mole que, já ia fazer 18 anos e queria uma moto..., vê se pode! E eu lá posso dar uma moto pra ele?! Eu disse que ele tava doido, a gente discutimo e ele quase quebra a casa toda!! Tive que chamar os menino¹¹ pra segurar ele!, ele ficou com raiva e saiu de casa”.*¹²

A impulsividade, a rebeldia, a crítica constante e a arrogância; tornam-se marcas registradas de quase todo adolescente. Na sua concepção, ninguém conhece nem entende o mundo melhor do que ele; as verdades devem ser ditas “na lata” (menos a ele próprio) e o que ele tem vontade de fazer, segundo ele mesmo, deve ser permitido mesmo em prejuízo de outrem.

Nesta fase, o medo e a ansiedade diante de tantos mistérios, podem desencadear processos de somatização de onde decorrem os problemas de saúde que podem perdurar pelo resto da vida do sujeito que por ele não consiga passar impunemente.

¹¹ Os rapazes do tráfico.

¹² Sra M. ao ser entrevistada no Projeto Adolescendo, falando sobre a saída do filho de 17 anos de sua casa para a casa do avô. 2004.

Os sintomas psicossomáticos aparecem na forma de reclamações e queixumes mal localizados, ou seja, o próprio adolescente não sabe o que está sentindo. Como aconteceu durante uma das visitas a uma adolescente cujo filho tem agora um ano, quando cheguei sua mãe me disse: *“Ah, foi bom você chegar, ela tá lá deitada... agora só vive assim, é dor pra lá é dor pra cá!”*. Fui ver a menina que estava deitada lendo um gibi, perguntei o que ela tinha e ela respondeu: *“Sei lá..., um mal estar, um enjôo, acho que é dor de barriga...e também um pouco de dor de cabeça”*. Entretanto, sua aparência saudável e o modo como conversou tranqüilamente, sem se mostrar indisposta, me fez supor que, talvez sua declaração de mal estar fosse uma desculpa para ingerir um remédio ou para atrair a atenção de alguém.

Ao adolescente parecerá sempre mais fácil deslocar uma ansiedade imprecisa estruturando-a sobre um sintoma físico do que lidar com ela. E na maioria das vezes, a família ou os adultos em contato com este adolescente, também por ignorar o fato, acabam agravando a situação com piadas e observações de mau gosto, como explicita Cajado (1990):

“(...) Os adultos parecem ter recalcado os sentimentos e conflitos de seus anos de adolescentes e portanto, acham difícil reportar-se a eles para identificar-se com o adolescente e compreender-lhe o dilema de modo a poder ajudá-lo” (Cajado, 1990, p.113).

Neste sentido, faz-se necessário que também o adulto “adolesça” sempre que houver um adolescente por perto, para ajudá-lo a “emergir” deste processo. E esta disposição de “adolescer”, não deve restringir-se somente aos familiares, mas também aos profissionais que direcionem seu olhar às necessidades da infância e da adolescência, considerando sempre os aspectos objetivos e subjetivos do ambiente em que vivem e do tipo de educação que recebem.

Sonia Kramer (2002, p.43), ao orientar pesquisas com crianças jovens, avalia que tratar das populações infantis em abstrato, sem levar em conta condições de vida, é dissimular a significação social da infância. Ao se fazer essa dissimulação, despreza-se a desigualdade social real

existente entre as populações, inclusive as infantis. Portanto, considerando que as diretrizes do presente estudo, primam por dar relevância aos aspectos sócio-econômicos e culturais da vida dos adolescentes pesquisados. Não pudemos deixar de considerar e explicitar seu modo de vida (familiar e comunitário) e sua maneira de pensar, que nos foram transmitidos através das inúmeras subjetividades apreendidas durante o trabalho de campo. Particularmente, através do seu vocabulário (que aqui transcrevemos fielmente), e nos denunciam a precariedade da educação que recebem, incluindo a escolar e a familiar.

No que se refere à educação formal, todas as adolescentes entrevistadas estudaram ou estudam em colégios públicos, no primeiro segmento. Após o evento da gravidez, a escola é a primeira instituição a ser abandonada pelas jovens mães. A deficiência das políticas sociais, que segundo Miotto (2005, p.129) só oferecem, em tais situações, respostas pontuais e fragmentadas, aliada ao baixo nível econômico das famílias das adolescentes, que após a gravidez e/ou parto exigem outros cuidados, como roupas e remédios, provocam, em quase 100% dos casos, a interrupção dos estudos destas jovens.

Aos rapazes, para além da questão da baixa escolaridade (seus níveis são sempre menores em relação às meninas), apresenta-se também a questão dos seus antecedentes, que muitas vezes interferem como fatores relevantes para sua aceitação em no mercado de trabalho ou em cursos profissionalizantes, principalmente os remunerados, oferecidos pelo Estado ou Município, como cita G. II, (19 anos): *“Eu fui lá por que disseram que dava uma bolsa de cento e cinqüenta né... mas os polícia num aceita gente que já foi pro CT”*.¹³

Se considerarmos todas as características da fase adolescente, anteriormente definidas no tomo 1.3 deste estudo, permeando a vida destes jovens cujos ambientes freqüentados, na maioria das vezes, não oferecem suporte técnico-emocional, nem monetário ou sócio-cultural. Deste modo, desenha-se um futuro bastante incerto para estas jovens

¹³ G.II, 19 anos, pai aos 17, passou dois anos num Centro de Triagem. Ao sair quis entrar para o projeto “Agentes da Paz” do 1º Batalhão de Polícia Militar do RJ, mas foi rejeitado por seus antecedentes.

famílias, assim, perceberemos ser verdadeira a consideração de Mioto (2005, p.134), que falando sobre a rede de proteção social, explicita que embora seja ela apontada como crucial na questão da maternidade adolescente, pouco se tem discutido. O que segundo a autora, tem transformado a qualidade de vida das mães adolescentes e do futuro das jovens famílias em um “território inexplorado”.

Na área emocional cujo domínio é da família de origem, o jovem se depara com um grupo de pessoas, que na maioria das vezes, não têm muita instrução. Entretanto, neste aspecto, da instrução, indifere das famílias instruídas, posto que pouquíssimas famílias conhecem ou consideram, as mudanças da adolescência, importantes o bastante para serem estudadas a fim de facilitar esta fase da vida dos jovens. Em consequência disso, involuntariamente, dificultam ainda mais este período, com observações e comparações, que muitas vezes equivalem à violência psicológica, baixando a auto-estima do adolescente que as ouve.

Os membros adultos da família impõem obrigações aos adolescentes, sem considerar a necessidade de tempo, que o jovem tem, para se observar e se conhecer. Promovem discussões intermináveis sobre a sua preguiça e sono inacabáveis; com observações sarcásticas quanto ao fato de estar ele sempre à frente do espelho; especialmente por que, na maioria das casas visitadas durante as entrevistas, os quartos, (quando existem, pois a grande maioria possui apenas um cômodo de uso comum e um banheiro), são compartilhados por mais de uma pessoa, com irmãos ou mesmo com os pais. E o fator a que os jovens entrevistados chamaram a atenção foi o espelho que, segundo deduzi, para evitar a monopolização do único banheiro, é colocado na sala, à vista de todos.

Devido a este ambiente confuso no qual ele não consegue se encaixar, o adolescente, alvo desta dissertação, inicia sua procura por outros grupos que o aceitem e que tenham “*mais a ver*” com ele. A procura de seus pares, quase sempre culmina em encontros de amigos

que revertem-se em “ficadas” que, independente de envolver sexo, podem ou não se transformar em namoros.

Das 14 meninas entrevistadas, nenhuma engravidou na primeira relação, onde pudemos deduzir que suas gravidezes não foram resultados do “ficar” com algum menino. Meninas e meninos declararam só ter aceitado a “transa” sem camisinha após “pegar confiança” no parceiro.

O grau de entendimento de meninas e meninos, quanto à sua própria situação sócio-econômica, parece não alcançar a gravidade que um evento de gravidez trará ao seio de suas famílias. Todos os entrevistados declararam que “*só depois de feito que caiu a ficha*”. O que nos fez inferir que sua capacidade de interpretação da realidade que vivem (99% deles), pode estar muito aquém do esperado em sujeitos da sua faixa etária.

A escola, recorrentemente citada por todos como “chata”, é o ambiente que freqüentam, segundo eles, para não contrariar os pais. A declaração de que não estavam “*conseguindo aprender nada*” aliada à necessidade de trabalhar, aparecem, entre os meninos, como os principais motivos para o abandono escolar.

Outro fator, citado pelas meninas, para o abandono, foi a discriminação devido à gravidez, como cita F. (17 anos): “*Eu fiquei só até a barriga aparecer, depois eu saí porque geral tava já me olhando torto... os professor falando que eu era doida... aí eu já tava cheia mermo, num aprendia nada...saí!*”¹⁴. Ele(a) se julga “burro(a)” demais para aprender as “novas matérias” que lhes estão ensinando, e este é um, entre muitos outros fatores que interferem na sua freqüência e interesse pela escola que, no seu entendimento, de repente ficou extremamente entediante.

A sonolência também parece ser um fator comum entre meninas e meninos, que declararam não conseguir se manter acordados durante as aulas, o que avalei ser fruto da educação “bancária” que lhes é oferecida, aliada ao fato de que a maioria deles costuma passar grande parte da noite conversando pelas vielas da comunidade.

¹⁴ F.(17 anos) respondendo por que saiu da escola quando cursava apenas a Sexta série. (01/2007).

Isto, talvez ocorra, devido ao fato de que a população moradora do local está permanentemente em vigília, temendo invasões e/ou conflitos, promovidos pela polícia ou por comandos inimigos do tráfico local. Estes “avisos” chegam diariamente e circulam pela comunidade com o nome de “toque”¹⁵. O que, podemos avaliar, acaba produzindo uma hipervigilância que independe da faixa etária em que se encontra o morador, mas se agrava na condição do adolescente, que necessita das horas de sono, inclusive para melhor aproveitamento escolar.

Outro fator relevante foi citado pelos jovens, e se refere à falta da constituição de grupos nas salas de aulas, muitos declararam não participar de trabalhos de grupo, por não poderem ir à casa dos colegas de turma, e não poder recebê-los em casa. Isto ocorre por conta, não só de distâncias geográficas, mas por diferenças dos comandos criminosos nas comunidades onde reside cada adolescente.

Assim, a reunião de colegas de classe ou a construção dos grupos de convivência, torna-se inviável fora da escola. Dentro do ambiente escolar, segundo eles, também é desestimulada pela maioria dos professores que condenam ao que chamam de “panelinhas”, separando-os para evitar “conversas paralelas”. Deste modo, presume-se que não existem os grupos de convivência, ou seja, os jovens alunos de uma mesma turma não têm nenhuma atividade grupal prazerosa, que os una enquanto grupo característico da adolescência, que nas escolas poderiam ser orientados pelo professor que, supostamente, foi instruído não só para a tarefa educacional, mas também para orientar e auxiliar os alunos, fazendo da escola um ambiente agradável onde o jovem freqüentaria com prazer.

É justamente nesta fase que a grande maioria dos adolescentes, estudantes de escolas públicas, abandona os estudos. Avaliamos que, talvez, a permissão e incentivo à construção dos grupos de convivência, fosse a fórmula para o grande mistério, que é a resposta à clássica pergunta: “como evitar a evasão escolar?”.

¹⁵ Avisos de invasões ou de “batidas” policiais, enviados de outros comandos (aliados ou não), localizados em outras comunidades.

O adolescente em foco volta-se então para a comunidade em que vive, insere-se nos “grupos de convivência”, que são constituídos de jovens mais ou menos da mesma idade, que conhecem as mesmas pessoas, vivem no mesmo ambiente comunitário, conhecem os mesmos problemas, atravessam os mesmos dilemas e por todas estas características, constituem o grupo ideal, por empatia. Por identificação este grupo existiria, mesmo a despeito de qualquer outro em que o jovem conseguisse se inserir, pois este seria o grupo de amigos de infância.

Porém o que ocorre na comunidade é que, por ser um ambiente de “transição”, ou seja, poucas pessoas tencionam morar ali para sempre, muitas realmente permanecem, mas muitas se mudam e esta dinâmica de crescimento e mudanças rápidas demais, acaba fragilizando os laços de amizade entre os jovens.

Assim “sobram”, na comunidade, aqueles jovens que não têm interesse, ou não tem posses para realizar nada muito especial, este é o grupo que, na maioria das vezes, acaba sendo cooptado pelo tráfico de drogas, que é a atividade que permanece o dia inteiro, a noite inteira e todos os dias, funcionando dentro da comunidade, portanto, é o único grupo que, o adolescente pode procurar a qualquer hora ou qualquer dia que haverá sempre um “amigo” para conversar com ele e “compreender” suas angústias e imediatamente “oferecer” o remédio que dará fim às suas tristezas, geradas pela família, com quem “*não dá mais pra morar*” e pela escola, onde “*não dá mais pra freqüentar*”. Sem mencionar as inúmeras vezes em que estas “*tristezas*” são causadas por namoradas(os) ou pela falta delas(es) que, segundo citam, os rejeitam por serem muito feios(as), muito magros(as), muito pobres, e etc.

Então o tráfico, como num passe de mágica oferece à este jovem o “remédio” para todos os seus males, uma vez que estando na “boca” ele(a): não vai mais apanhar da família, ou mesmo precisar dela, uma vez que poderá “*se bancar*”; vai ganhar “*um bom dinheiro*”; vai poder comprar roupas “de marca” e vai ter quantas “mulheres” quiser, ou ser a namorada do “poderoso”, independente da sua forma física.

Para além da atuação do tráfico, existe ainda nas comunidades a atuação de outros grupos, como igrejas e projetos sociais itinerantes,

que tentam atrair a atenção deste jovem sem muito sucesso. Isso acontece muito por também não valorizar o sentido de grupo e a busca de identidade que são os pontos fundamentais que deveriam ser observados por todos os que pretendem trabalhar com jovens adolescentes, para que os freqüentassem, não por obrigatoriedade e sim por prazer.

No entendimento do adolescente, segundo notamos, ele é incapaz de atender às expectativas do mundo adulto, que ao mesmo tempo teme e deseja. Assim, o adolescente vive esta fase da vida, em interface com a sociedade, sem muita consciência da intensidade de sua interferência sobre ela. O que nos faz recorrer a Ana Paula Costa (2005), que referindo-se à falta de um canal de comunicação social, cita:

“O desafio está em vislumbrar como, em uma sociedade com tantas contradições insuperáveis, contrastes e exclusões, é possível criar referenciais positivos para a constituição da identidade dos jovens, às vezes, invisíveis nas periferias de nossas cidades. Estar incluído, pertencer e planejar o próprio futuro, depende de uma mudança de atitude social no sentido de acolhimento” (Costa, 2005, p.81).

O grupo de amigos constituído na comunidade representa, na maioria das vezes, todo o apoio que este jovem possui para atravessar esse período conturbado de sua vida, como relata M. (18 anos): *“Antes da gravidez eu só falava de sexo com as amigas...com as minhas cunhadas, agora não... Hoje minha mãe é que é minha melhor amiga... agora ela fala claro comigo sobre essas coisas de sexo, ela vai comigo no médico... mas agora né... já era!”*¹⁶

De todos os adolescentes entrevistados, apenas pequena parte deles (indiferente de sexo), admitiu ter sido influenciado pela dinâmica comunitária, ou seja pelo comportamento do grupo de amigos, porém todos, sem exceção citaram o fato de a maioria dos(as) amigos(as) já terem engravidado.

Fica, portanto, registrado o fato de que os entrevistados, quase na totalidade, pareceram não ter clareza de raciocínio para avaliar sua condição social e sua dinâmica familiar, considerando-se que na maioria

¹⁶ M. 18 anos, falando sobre o fato de ter engravidado com 17 anos, e da mudança no comportamento da mãe, em 01/2007.

das famílias visitadas os pais não se davam bem, ou não se viam ou não se falavam e as(os) jovens não possuíam renda pessoal, além do fator complicador, de que muitos deles tinham implicações com o tráfico de drogas local.

Podemos então aferir, que apesar de estar adquirindo uma liberdade e um poder maior de assimilação dos processos de sua vida, este adolescente ainda é incipiente para previamente avaliar as suas ações, ou aventar hipóteses sobre o que faz ou o que fará, ou ainda, o que farão a ele (no caso dos implicados com o tráfico).

Duas Conclusões podem ser inferidas: ou este jovem, realmente, ainda não está apto à aquilatar os resultados de suas ações e as implicações que estas lhe trarão; ou pode estar adquirindo esta postura por não possuir perspectivas de futuro, prosperidade ou longevidade, segundo os exemplos que conhece. O que nos faz, mais uma vez, recorrer a Levisky (1995), que cita:

“Fisicamente ele pode estar apto a exercer suas funções sexuais, mas encontra diante de si as forças da cultura, da sociedade e dos riscos que existem frente aos desejos de plena liberação e de desenvolvimento destas funções. Ou seja, não basta se liberar; torna-se necessário aprender a lidar com seu corpo, seus desejos, seus afetos e, principalmente, ter consciência das repercussões objetivas e subjetivas em suas vidas. Frequentemente, o que ocorre em nossa cultura é se tomar consciência após os fatos estarem consumados”(Levisky 1995, p.19/20).

Consideremos que este seja um processo “universal”, comum a “todos” os adolescentes. Porém, tentemos visualizar isto acontecendo em uma vida onde muitos dos processos psicológicos estão defasados e muitos direitos são violados diariamente. Em vidas permeadas pela violência em suas várias formas, e que está agora tentando, desesperadamente, compreender e ser compreendida na sociedade ou na comunidade em que precisa viver.

Durante o processo de pesquisa, foi possível observar o comportamento dos jovens e suas famílias com outros olhos, suas principais necessidades e seu modo de absorver ou não “as culturas” locais. Algumas famílias, por terem uma orientação religiosa mais rígida, mantêm-se longe da vida comunitária no geral e orientam seus filhos

também nesse sentido, restringindo-se à atuações apenas no círculo de moradores que sejam da mesma religião e/ou que freqüentem os mesmos núcleos religiosos.

Porém, mesmo este isolamento por convicções religiosas, não faz destes moradores pessoas isentas de adotarem a “cultura”, ou dinâmica, comunitária. No tocante aos adolescentes, mesmo os filhos destas famílias, esta cultura se introjeta e se externaliza, seguindo o curso normal da rebeldia adolescente. Repetindo assim, por atos ou omissões, a mesma dinâmica, o que nos remete a Bauman (2003, p.16), quando falando de comunidades o autor cita que o entendimento que é característico de uma comunidade é tácito “por sua própria natureza”.

O adolescente, neste contexto, começa a construir sua identidade observando e sendo observado, influenciando e sendo influenciado por esta dinâmica; na comunidade, ele(a) é aquele(a) que circula o tempo todo, conhece todos os caminhos e todas as pessoas, porque ele(a) está na idade “do ver”, “do conhecer” e “do pertencer”.

Entretanto, no processo de construção da identidade adolescente, faz-se necessário o reconhecimento dos outros atores sociais, pois as identidades podem, e devem, nascer das diferenciações e não da reprodução do seu idêntico, como cita Neto (2005), quando avalia que:

“As identidades são construídas, ativadas e reconstruídas, estrategicamente, na interação, pelo conflito, no processo de socialização de cada um, no processo de construção de seu projeto de vida.” (Neto, 2005, p.23)

O comportamento sexual do jovem comunitário é uma das facetas dessa “cultura”, podendo mesmo estar representando para eles(as), como pude perceber, uma espécie de “rito de passagem”, como comentarei no capítulo a seguir.

3.3

A vivência da sexualidade e o impacto da gravidez

A escola, tendo sido recorrentemente citada pelos jovens entrevistados, como a principal responsável por sua educação sexual, pareceu-nos relevante questionar onde e quando ocorrem essas intervenções nessas instituições, que embora saibamos não ser o objeto específico desta pesquisa mereceu um à parte.

Ficou visto que a educação sexual não se desenvolve transversalmente, como propõe os PCN¹⁷, mas apenas em ciências. Interessa relatar, que nos livros apresentados pelos entrevistados, este tomo encontra-se na parte final da matéria, portanto, pode-se aferir que boa parte das turmas não chegam a estudá-lo, uma vez que os programas escolares são extensos e o tempo é mínimo.

Os jovens, que relataram ter estudado a matéria, relacionaram-na com o corpo humano e confirmaram que viram muito rapidamente no colégio. *“A gente chegou vê isso nas últimas aula... a professora falou assim de reprodução...mas de educação sexual não”*.¹⁸

Segundo as CREs (Coordenadorias Regionais de Educação), existem projetos de educação sexual, como o NAM (Núcleo de Adolescentes Multiplicadores do NEAS)¹⁹. O NAM e o NEAS surgiram em 1995, mas dos colégios citados pelos adolescentes pesquisados, nenhum possuía ou possui o NAM, em contato com diretoras de um dos colégios citados, recebi informações sobre as dificuldades de implantação do NAM encontradas pela direção: O professor precisa fazer um curso de capacitação pela prefeitura ou outra instituição (o que o tiraria da sala de aula); a escola precisaria fazer um projeto e submetê-lo à CRE da sua região; a direção precisa apoiar o professor e ter espaço disponível para as atividades do projeto; a aprovação do projeto depende de disponibilidade financeira da CRE e da SME; faltam professores de

¹⁷ Parâmetros Curriculares Nacionais.

¹⁸ F. 17 anos, falando sobre as aulas de educação sexual na escola. 01/2007

¹⁹ Projeto do NEAS (Núcleo de Educação Ambiental e Saúde, da (SME) Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro.

ciências no município; o professor precisaria de 4h. para realizar atividades temáticas, 4h. para desenvolver ações multiplicadoras, 4h. para participar de oficinas de capacitação, reuniões ou encontros na SME e 4h. para planejamento. O que, segundo a diretora, dobraria a carga horária semanal do professor.

O NAM deve funcionar fora do horário das aulas comuns e tem como carga temática a sexualidade, gênero, adolescência, gravidez, DST, AIDS e drogas, e além de ter o objetivo de informar os participantes sobre estas temáticas, precisa formá-los como multiplicadores que terão a responsabilidade de disseminar as informações dentro da escola e na comunidade.

Diante de todas estas exigências e a despeito do esforço que pudessem estar dispostos (escola e corpo docente) a impetrar, ainda precisariam contar com a presença de alunos (precisariam de 30 em cada turma) dispostos a transformarem-se em multiplicadores, uma vez que existe ainda o pré requisito de que este aluno deve ter boas notas em seu boletim escolar (apenas os melhores alunos podem participar). Em última (ou primeira) instância, o projeto estaria ainda subordinado ao eterno problema da escola pública que são as faltas freqüentes e a evasão.

Esta foi apenas uma visão panorâmica de um dos projetos, que futuramente poderá servir de ponto de partida para novas pesquisas específicas sobre o assunto.

Sabemos, portanto, que o suporte educacional para o jovem pesquisado é precário ou inexistente, baseando-se somente em informações transmitidas por amigos ou ouvidas, às escondidas, durante as conversas dos adultos, como declara F.(17 anos): _ *“(...) não..., antes d’eu ter neném minha mãe nunca conversou comigo sobre essas paradas de sexo não, (...) eu ouvia assim nas conversas dela com as minhas cunhadas (risos), eu escutava escondida...²⁰.*

Assim os adolescentes vivenciam a sua sexualidade, muitas vezes, guiados apenas por seus instintos juvenis, uma vez que na contemporaneidade, o pouco tempo que lhes pode ser dispensado pelos

²⁰ F. 17 anos, falando de sua relação com a mãe antes da gravidez e parto.

pais ou cuidadores, é ocupado em grande parte com as críticas dos mesmos ao seu comportamento, às suas roupas, às suas notas escolares e etc. São tantos pontos considerados importantes, pelos pais, a serem ditos que muitos outros ficam esquecidos, como ratifica K.(17 anos): -“*Lá em casa a gente quase não conversa... quando vai falar é tanto grito... é reclamação disso, reclamação daquilo... dá até nervoso!*”²¹

Este comportamento paterno, também é citado por Almeida (2003) quando fala de atitudes adolescentes:

“Adolescentes acusam o mundo social dos adultos de não os aceitarem como interlocutores válidos, opondo-lhes a sua experiência, de os desencorajarem nas suas iniciativas apontando apenas os seus aspectos negativos, de lhes amputarem a capacidade para sonhar” (Almeida, 2003, p.99).

A realidade vivenciada pelos adolescentes pesquisados “auxiliam” esta “amputação”, citada pelo autor, o ambiente confuso do lar e a violência que permeia a vida comunitária somadas ao baixo desenvolvimento de sua inteligência adolescente. Este último fator sendo causado pelo pouco estímulo ao desenvolvimento das capacidades citadas por Piaget (1962, p.44), como sendo características da adolescência “aumento da capacidade para inferir, generalizar, classificar, extrapolar, abstrair e deduzir”. Porém, neste mesmo trabalho Piaget também afirma que “este último campo pode ficar prejudicado se a inteligência é mal modelada”.

Considerando-se que se trata de adolescentes oriundos de meios socioeconômicos menos favorecidos que, precocemente, tiveram que fazer face às duras realidades da vida, o que lhes deixou pouco tempo para atividades lúdicas, imaginativas e criativas. Sem querer dizer com isto que sejam embrutecidos ou, como eles dizem, “burros”, são perspicazes e podem ter até um nível de intelectualidade superior, mas a precoce estruturação prática da sua inteligência deixou-os, sem capacidade para o pensamento abstrato. Piaget (1962, p.44), reconhece que há uma ausência de uniformidade do

²¹ K. 17 anos, justificando porque não conversou com sua mãe antes de engravidar.

desenvolvimento intelectual, dependendo das diferenças individuais e culturais.

Deste modo, para estes jovens, a travessia da adolescência somada a todos estes fatores e estimulado pela liberação sexual dos meios de comunicação, que se transformou, devido à falta de recursos, na única diversão possível. A sexualidade adolescente e o, urgente, desejo de liberá-la instintivamente, ficam sem fronteiras ou impedimentos.

As poucas informações coerentes que lhes chegam, vêm acompanhadas de condicionalidades, consideradas pelos jovens, muito difíceis de cumprir, como por exemplo nessa fala de uma das adolescentes entrevistadas: _ “Minha madrinha disse uma vez que a melhor idade para se ter a primeira relação sexual era no fim da adolescência... quando a gente ficasse adulta... tipo com 20 anos...(risos)...ah! muito difícil!, eu comecei com 14 e achei tarde já!”²².

Outras condicionalidades foram citadas como: estar “preparados” e “conscientes”, já se sustentar, já ter “terminado” os estudos e etc. Assim, julgando-se incapaz de cumpri-las e deparando-se com outros exemplos de maternidade precoce dentro da família ou através de depoimentos de colegas que lhes contam suas aventuras (nunca as desventuras), o adolescente, mesmo incerto aventura-se como cita Almeida (2003):

“Socialmente menor, o adolescente é dilacerado por dois sentimentos opostos: o desejo de adquirir rapidamente os direitos do adulto e o receio de não ser capaz de assumir as responsabilidades inerentes” (Almeida, 2003, p.31)

As condutas sexuais que poderiam ser orientadas por ensinamentos, conversas e exemplos, ultimamente ficam na dependência do tipo de entendimento que o próprio jovem, numa ação independente, possa ter do que seja um relacionamento a dois.

²² A P. (19 anos), falando sobre o início da sua vida sexual, 17/02/2007.

Bozon (2004, p.119) Fala sobre uma nova normatividade das condutas sexuais: *“nas últimas décadas, observa-se uma passagem de uma sexualidade estruturada através de controles e disciplinas externas aos indivíduos, para uma sexualidade organizada através de disciplinas internas.”* Um fato que se apresentou claramente durante as entrevistas foi que os adolescentes, meninos ou meninas, trazem bem clara a noção de proteção, tendo, todos eles, declarado conhecer e realmente citado, os métodos contraceptivos existentes, bem como os principais motivos para se preocuparem com o uso de preservativos, como relata W. (17 anos): *“Ah! É importante sim... eu acho... por que esse troço de AIDS aí...”* (e com uma sombra no olhar, declara como numa sentença) *“(...)é tia a “creca”²³ tá solta!”²⁴*, que julguei ter sido causada pela lembrança do tio, que falecera a menos de um ano, vítima da AIDS.

Percebe-se que a entrada na sexualidade adulta é subordinada ao que Bozon(2004) chama de *“poderosa obrigação de proteção”*. Esta noção vem juntar-se a todas as outras, que no ambiente comunitário fazem-se necessárias para, na maioria das vezes, a proteção da própria vida.

Todos os adolescentes pesquisados tinham conhecimento das normas contraceptivas e à esta acrescentou-se a norma do uso da camisinha desde a primeira relação, sobre o que Bozon(2004) afirma:

“Isso traduz algo mais além do medo da contaminação: a adoção da camisinha no repertório sexual juvenil, cria um ritual reconhecido que, diante da incerteza da fase de experiência no início de um relacionamento, organiza e estabelece uma atitude socialmente “responsável” na relação sexual ” (Bozon, 2004, p.127).

Entretanto esta atitude “responsável” desaparece após algum tempo, segundo relataram os adolescentes pesquisados: *“A gente só transava com camisinha, depois a gente foi ficando mais... aí ficou sério... ele veio aqui em casa. Aí a gente já confiava um no outro... aí um dia a gente fomo sem camisinha e aconteceu!”²⁵*.

²³ Sinônimo de doença ruim.

²⁴ W. 17 anos, respondendo por que achava importante que os adolescentes utilizassem preservativos.

²⁵ F. (17 anos) falando sobre o evento da gravidez. 01/07.

De acordo com os relatos, na fala dos pais, enquanto as meninas devem esperar e se preservar para o momento correto, os meninos parecem ter de correr contra o tempo para deixarem de ser virgens, tornarem-se homens e serem considerados “normais”, como ratifica Bozon (2001, p.111-135): *“Percebe-se que a virgindade e o valor dado à primeira relação sexual são marcas de distinção de gênero na nossa cultura.”* Porém, no entendimento das jovens, os “direitos” são iguais e elas reivindicam para si, da parte dos pais, o mesmo “tratamento” dado aos irmãos do sexo masculino. Nas relações sociais, elas também parecem fazer questão de se mostrar tão “entendidas” de sexo quanto os rapazes, embora não falem tão abertamente de suas relações sexuais, como falam do quanto e com quantos ficaram. Como já citamos anteriormente, o ficar nem sempre representa “transar”, na maioria das vezes é apenas beijar, e muitas vezes um beijo só já significa “ficar” ou, na linguagem dos meninos “pegar”, como cita Ro. 18 anos: *“As vez tia, num baile só a gente pega mais de 10 garota!”*

Pergunto, “pega?” como assim? Ele responde: *“Ah... pegar é beijar tá ligada?! Elas passa, ou a gente passa, aí segura elas e beija... se elas dexá já é!”* (risos) *“(...)a gente fica disputando quem pega mais tá ligada?! É tudo zoação!”*²⁶. O comportamento e o relato das meninas não difere em nada e confirmam a declaração dos meninos.

Segundo elas mesmas, esta igualdade de comportamento se mantém, até o episódio da gravidez, como relata R.(16 anos): *“Antes era tudo legal... a gente saía junto, se divertia...tudo normal. Depois que eu peguei a gravidez ele pegou e disse que eu sabia que era muito nova e quis pegar filho assim mesmo...”*²⁷, ou como relata F.(17anos) *“Agora esse filho pra mim é tudo, mas se eu pudesse escolher... eu não teria tido ele agora, mas agora que eu tive sou eu mesma que tenho que cuidar... fui eu que bobeei, agora é esquecer um pouco de mim e pensar nele primeiro de tudo.”*²⁸ Ambas as falas traduzem, ainda, um comportamento masculino tradicional de considerar a mulher como única culpada de um

²⁶ Ro. (18 anos), explicitando como acontece o ficar.

²⁷ R. (16 anos), falando sobre as mudanças no comportamento do namorado, pai da sua filha, ao saber que ela estava grávida. 01/07.

²⁸ F(17 anos), ao ser perguntado sobre o que representa o filho para ela. 01/07.

episódio de gravidez indesejada, onde cada um dos parceiros passa, automaticamente, a ter pontos de vista distintos.

Dos rapazes entrevistados, apenas um deles (G.17 anos) declarou que “*fará de tudo*” para ficar junto do filho e auxiliar na sua criação, declarando considerar importante estar perto para “conversar” com o filho quando este precisar. Quando pergunto porque considera importante “conversar” ele diz: “*Ah... assim, quando ele tiver a minha idade assim, ele não vai fazer a mesma besteira que eu fiz... assim...ficando pai nessa idade...na idade de estudar*”. Eu pergunto se o pai dele não conversava com ele sobre isso e ele baixa os olhos, demora um segundo e responde seco: “*não*”.

O entrevistado acima acompanhou a gravidez da namorada, mudou seu turno de estudos da tarde para a noite, conseguiu inserir-se, à tarde, num projeto Federal remunerado, e trabalha pela manhã vendendo pães na comunidade.

Outro dos entrevistados, G.II (19 anos), tendo engravidado a namorada aos 17, e sendo integrante do tráfico de drogas na época, foi preso e ficou recluso durante 2 anos. Declarou que gostaria muito de ficar perto do filho, porém, segundo ele, “*não tá dando*”, pergunto porque? E ele responde, dando de ombros: “*bom... por que, sabe com’ê qui é né?!... pra gente morar junto num dá, falta casa...morar lá na mãe dela também tá fora porque eu tô duro, num posso ajudar nem nada... eu num tenho mais a casa da minha mãe e lá no meu pai tá brabo...é muito zoneado, sem chance!*”

Pergunto se ele tem idéia de como resolver esta situação e ele dá de ombros novamente respondendo: “*Eu tô vendo se rola um trabalho aí...ou um curso desses de projeto, mas os cara num aceita quem já foi pro CT não...*” e acrescenta em tom desanimado: “*eu tô procurando, vamo vê com’ê que fica né!*”.

G. II, soube que ia ser pai quando já estava preso. Antes da prisão morava com a madrasta, o pai (com quem tinha conflitos freqüentes) e duas irmãs, filhas da madrasta com seu pai, uma das quais

(a mais nova) sofria de Hidrocefalia²⁹. Durante seu período de reclusão, a mãe e a irmã mais nova faleceram, a outra irmã de 15 anos engravidou e foi morar com uma tia e o pai mudou-se da comunidade. Assim, ao sair se viu sem casa e, praticamente, sem família. Desempregado e sentindo-se na obrigação de ajudar na criação do filho declara: *“se não rolar nada assim... pra trabalhar... eu num queria não mas... eu volto pra boca... mas só vô “marcar um dez”³⁰ até ajeitar essas parada sá com’é?”*

Dentre as meninas, o impacto da gravidez foi mais marcante com relação à escola, uma vez que todas elas interromperam os estudos ao engravidar ou após o parto. Apenas uma das entrevistadas T. 19 anos, a única dentre as meninas que possui renda (proveniente de pensão do pai falecido), declarou ter concluído o ensino secundário em colégio particular e relatou: *“(...) eu falo que eu vou ficar os 3 meses depois vou largar na creche e vou trabalhar, mas a gente nem sempre consegue né? Sempre dá aquela pena, aquele aperto... coração de mãe... deixar o filho com os outros! Não sei...”*. Pergunto se pretende esperar até que o menino complete 3 ou 4 anos para voltar a estudar e ela responde: *“Não! Você fica ultrapassada! Não! Tem que aproveitar que a sua mente tá fresca, tô nova ainda, vou correr atrás!”*

Já R. de 18 anos, que pertence a uma das famílias da “classe rica” do morro, declara que só parou de estudar para ter a filha, que hoje tem dois anos, está cursando o primeiro ano do ensino secundário, mas diz que vai precisar cursar a mesma série novamente e relata: *“minha cabeça não está funcionando muito bem...num tô entendendo bem as matérias... eu tenho que estudar que eu quero ser enfermeira...”*. De todas as meninas entrevistadas foi a única que não interrompeu os estudos, as demais todas interromperam e prometem retornar. Porém, as dificuldades que se apresentam após o nascimento dos bebês, de acordo com as meninas cujos filhos já têm 1 ou 2 anos, tornam muito difícil a retomada dos estudos, pois segundo elas: *“é muita coisa na cabeça...”*

P. de 20 anos, é irmã de R. e teve sua filha aos 17, morava com o companheiro (que era envolvido com o tráfico local), havia voltado a

²⁹ Doença que aumenta gradativamente a caixa craniana.

³⁰ expressão que significa ficar por pouco tempo em um lugar.

estudar e já trabalhava no comércio, quando sua filha de 3 anos ao sair da creche local, assistiu à uma incursão da polícia e viu quando um dos policiais arrastava pelos pés o corpo morto do pai.

A menina teve um choque emocional, segundo relatos de P., e sofreu uma violenta regressão em seu desenvolvimento, deixando de falar, de andar e voltando a necessitar de fraldas.

P. também sofreu um longo período depressivo que a fez abandonar os estudos. Depois, a necessidade de tratamento para a filha e a falta de estrutura das instituições de saúde pública, a obrigaram a deixar também o trabalho, pois segundo ela: *“A gente só é boa funcionária quando não tem problema nenhum, se tiver algum... a gente é logo mandada embora.”*

Assim como aconteceu na trajetória vitoriosa de P., que poderia ser considerada como um exemplo positivo de recuperação de adolescente após o parto, estando já de volta aos estudos e conseguindo, com renda própria, sustentar a filha e foi interrompida por interferência da violência. Constatamos que muitas vezes, esta mesma violência nem os permite iniciar esta recuperação, como revela Kramer (2002):

“A violência atravessa de modo perverso o cotidiano das crianças, invade suas casas, espaços e momentos de brincadeira. seu direito à infância plena e sadia é negado; os policiais são os primeiros a não cumprir a lei. Os bandidos impõem sua presença pela força armada e por mecanismos de cooptação (auxiliam em casos de mortes, presenteiam as crianças...). Essa convivência produz sentimentos e opiniões conflitantes, confusas, e leva os moradores a criar regras e códigos para sobreviver em meio a um poder que, como relatam, não se pode contestar, já que a ameaça de morte é real e, mesmo que não se concretize, basta que paire no ar para amedrontar.” (kramer, 2002, p.56)

A convivência dos jovens frente a essa realidade, segundo constatamos, imputa-lhes uma extraordinária capacidade de resiliência e, mesmo quando a possuem, as dificuldades e obstáculos que se lhes apresentam, são sempre muito maiores e mais difíceis de serem vencidos na trajetória rumo a um futuro mais seguro.

As famílias dos(as) adolescentes recebem o impacto da gravidez de diferentes maneiras. Apenas uma das entrevistadas G.15 anos, relatou ter sido posta “para fora de casa” pelo pai, que declarou não

querer mais vê-la dizendo: *“quando vocês faz suas M... não pergunta pra nós... aí quando se f... vocês qué ajuda?! Eu não quero sabê!”* Entretanto, G. declara que após o primeiro impacto, “quando passou a raiva” o pai “ajeitou” um quartinho para ela e o companheiro morarem. O pai do filho de G. tem 17 anos e é viciado em drogas, mas segundo ela, não trabalha na “boca”: *“Ele faz “biscati” por enquanto... quando ficar de maior ele vai trabalhar no shopping”*.

O companheiro de G. não concedeu a entrevista e ficou bastante irritado ao ver que G. falava de “sua vida” conosco. Comportou-se grosseiramente, o que assustou G. e a nós também. Porém, após sua saída, a menina e a mãe dela, Sra. M., explicaram que ele “é assim mermo... *“estressado”, fica logo pensando em polícia”*. Avaliei, entretanto, que talvez não se referissem à Polícia Militar e sim à DEAM³¹, pois G., que estava vestida apenas da cintura para baixo, apresentava hematomas no rosto e no colo. As marcas do colo ela procura ocultar segurando o bebê ao seio e as marcas do rosto, segundo ela, foram resultado de uma “espinha” (acne) que lhe nascera no nariz, embora eu não tenha identificado nada parecido com uma acne em seu rosto.

A maioria das meninas declarou que ao primeiro impacto da notícia da gravidez, as famílias, geralmente as dos rapazes, propõem o aborto. Já com respeito às suas próprias famílias, quase todas declararam ter sido “normal” a reação, apesar das discussões e alguns relatos de “surras”. Apenas uma das famílias propôs o procedimento abortivo, que a jovem não acatou, apenas uma recebeu a notícia com tranqüilidade e mostrou-se feliz com a chegada do primeiro neto.

Inúmeras dificuldades surgem após primeiro impacto da gravidez, aparadas as arestas, ou seja, depois de dada a notícia, e suportadas as ocorrências posteriores como discussões, brigas, abandonos, surras ou sorrisos. Seguem-se outras dificuldades que, quando o jovem conta com o apoio da família, parecem sempre suportáveis.

³¹ Delegacia Especial de Atendimento às Mulheres.

Com relação aos rapazes, as dificuldades após o evento da paternidade, se relacionam à questão empregatícia. A maioria deles ao serem perguntados sobre o que sentiram ao saber que seriam pais, responderam que a primeira coisa que lhes veio à cabeça foi: *“caraca! vô tê que procurar um emprego!”*.

Assim, a ambos, meninas e meninos, após o evento da gravidez apresentam-se questões sócio-econômicas, que talvez não precisassem conhecer tão cedo, como: a necessidade de comprar remédios e roupas; de ter uma casa, móveis, utensílios e alguma infraestrutura para criar o bebê. Portanto, a necessidade de um trabalho impulsionada, talvez, pelo desejo de morarem juntos.

Os modelos familiares formados por um núcleo central que abrange o casal e seus filhos, faz parte do imaginário e dos projetos de vida das jovens, que embora relatem ter desejado isto para mais tarde em suas vidas, admitem que gostariam que o mesmo ocorresse já, uma vez que tenham engravidado e/ou tido filhos. Relatam desejar ter sua casa e de residir com seu marido e seu filho, o que geralmente não ocorre devido à sua situação econômica, que os ata à família de origem e adia, muitas vezes indefinidamente, seus projetos de futuro, como comentaremos no capítulo a seguir.